

OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 16 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	600	120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	600	120
Estrangeiro e India...	5\$000	2\$500	600	120

33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1117

10 de Janeiro de 1910

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço N.º 10, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



UMA VISTA INTERIOR DA EGREJA DA MADRE DE DEUS (Cliché Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

Estão neste momento em scena em diversos theatros de Lisboa tres, quatro ou cinco revistas do anno. Ellas são tantas, que nem já lhe sabemos a conta. Revistas do anno não costumam ser theatro de Ibsen nem coisa semelhante, e quem lá vae o que quer é rir, e quanto mais melhor. Convencionou-se mesmo que a revista do anno devia ser o genero de theatro mais alegre e assim julgam entendê-lo os auctores que a ella se dedicam de preferencia.

Neste mesmo momento publicam-se em Lisboa oito ou dez jornaes humoristicos, ou antes que se dizem humoristicos, uns recheados de caricaturas, outros sem ellas, mas todos armados á pilha de graça, e cada qual com pretensões a ser o mais engraçado de todos.

A gente d'agora, que pouca já d'aquella que ha trinta annos tinha pela pilheria um verdadeiro culto, acha immensa graça ás revistas, devora as folhas humoristicas com o melhor dos regalos, e anda farta de riso. Pois não temos outra coisa a dizer senão: ainda bem!

Quem resta do tempo de ha trinta annos ainda com alguma vontade de rir, mas não sabendo onde estimular essa vontade, é que, por mais que faça, não acha graça nenhuma, ou muito pouca acha ao que tanto faz rir a gente nova.

O que agora se quer é o dito equívoco, a piada grossa, a chalaça bem desembaraçada de mantos diafanos de decoro. Quanto mais desbragada, melhor. Noutro tempo, não. A grosseiria era privilegio de Alfama e não sahia de lá. O genero de piada em moda era a chamada piada de lufa branca, que ficava bem na boca de toda a gente e não cortia nunca o risco de melindrar os ouvidos fosse de quem fosse.

Morreu agora no exilio um dos portuguezes d'esse tempo, que era, dos seus derradeiros contemporaneos, o unico talvez que ainda nos ultimos annos conservava para amostra um peculio de humorismo de então, e que de vez em quando consentia em no lo fazer saborear. Refere-se a Chronica ao Barão de Roussado—Manoel de Roussado, que foi o auctor glorioso da *Dominação dos Agiotos*, poema heroe-comico que parodiou o famoso *Dom Jayme* de Thomaz Ribeiro. A d'esse sim, essa é que era verdadeira graça, a graça portugueza dos quatro costados.

Mas não era preciso ir aos dominios da intellectualidade superior, para encontrar o que agora já se não encontra em parte alguma. A tendencia para a boa pilheria andava como que um pouco espalhada na atmosfera; e havia então o tipo do piadista, quasi se podia dizer o piadista profissional, que andava de porta em porta a dizer das suas, como o cégo da viola ou o homem das sinas.

Foi aqui merito no genero um memoravel Pote, que era capaz de sacrificar tudo a um dito com graça, desde a sua propria pessoa ao seu melhor amigo.

Pote pretendia uma vez ser admittido como continuo no Ministerio das Obras Publicas; mas não conhecia o ministro, nem se lembrava de alguém do seu conhecimento que por ventura estivesse nas boas graças do ministro. Andou, andou, e tanto andou, que acabou por descobrir o que lhe convinha.

O ministro estava sendo descomposto, a esse tempo, por um jornal da tarde que o arrastava pelas ruas da amargura, dizendo d'elle o mais que se pôde dizer d'um homem. Pote, farejador de escandalos, andava seguindo, com toda a curiosidade dos seus pequeninos olhos redondos de mops, e em todos os seus detalhes, essa campanha sangrenta. Ao cair da tarde, com pontualidade, lá se encaminhava para o Café de Santa Justa, onde era assiduo, tomando sempre o mesmo lugar á mesma mesa, no mesmo canto, junto da mesma porta. Chegava, sentava-se, batia as palmas. Vinha o creado:

— Olha, Rodrigo, dizia elle então, já vieram os jornaes?

— Ou sim, ou não. Se já tinham vindo, ia o Rodrigo buscá-los a outra mesa e trazia-h'os.

— Ora ainda bem! replicava o Pote.

E quando o Rodrigo ia a abalar:

— Espera, Rodriguinho, espera ahí, homem de Deus, que a pressa só se inventou para arrelhar os entrevados...

O bonacheirão do Rodrigo sorria, e esperava.

— Traz-me um palito e um copo com agua.

O Rodrigo ia buscar o copo com agua e trazia tambem o palito. Já outro freguês batia com a ponteira da bengala no marmore da mesa, e o Rodrigo ia acudir-lhe.

— Olá, olá, ó menino! gritava o Pote—primeiro estou cá eu...

E como o rapaz se detivesse, dando-lhe razão: — Agora fecha aquella porta, e podes ir-te embora.

Então, com ancia, afundava-se na leitura dos iracundos jornaes, repletos de injurias e normandos, tresandando a calumnia e a tinta fresca.

Um dia, a meio de uma d'essas leituras, teve o Pote uma idéa, uma grande idéa. O redactor em chefe do jornal que andava zurzindo o ministro das Obras Publicas era amigo do Pote, e dera-lhe mais de uma prova de ser realmente seu amigo. Ora, da leitura seguida e ponderada dos artigos com que a folha se atirava ao ministro, como quem se atirasse a um bombo em festa, Pote deprehendera que a coisa estava por pouco, e que, como tudo levava a crêr, esse redactor principal seria, dentro de dias breves, um novo e alentado esteio do Governo na imprensa.

— Portanto, pensou o Pote, estamos chegados ao momento de lhe ir pedir que se interesse por mim junto do ministro logo que passe a considerar o ministro homem honrado, e o ministro nomeia-me, acto continuo, continuo!

D'ali foi sem mais demora a casa do jornalista, que morava na Rua da Atalaya. O outro estava a jantar, a acabar de jantar, quando Pote lhe bateu á porta. Veiu a creada, toda espevitada, e disse logo «que o senhor, áquella hora, não recebia...»

— Pois ainda bem, minha menina, ainda bem! Elle que não recebe é porque não precisa. Isso é fartura. Ainda bem! Mas diga-lhe sempre que está aqui o Pote, que talvez elle se resolva...

A casa era pequena, Pote falava alto e o dono da casa, sentado á meza, de lá mesmo ouviu a conversa.

— Podes entrar, ó Pote! podes entrar! grita-lhe o jornalista.

Pote rebolou para dentro, contentissimo.

O amigo offereceu-lhe uma cadeira, quiz que elle comesse duas colheradas d'uma compota d'ameixas que ainda estava sobre a mesa, fez-lhe servir café, encheu-lhe as algibeiras de charutos.

O Pote aceitou todos aquelles favores como coisas que lhe eram devidas, com satisfação, sim, mas sem grande agradecimento. E começou a expôr o fim da sua visita.

— Não ponhas mais na carta! interrompeu o a certa altura o amavel dono da casa. Ainda esta noite, em S. Carlos, pedirei o que queres. E arranja-se. O ministro é muito meu amigo!

— E parece que é muito boa pessoa... acrescentou o velhaco do Pote.

— Oh, não imaginas!

E o Pote todo era ouvidos, a ouvir o jornalista que lhe fazia o elogio do ministro, pondo o nas astes da lua, chegando a ponto de afirmar, batendo com a mão espalmada no peito largo, «que se fosse preciso dar a vida por elle a dava...»

JOÃO PRUDÊNCIO.



Interior da igreja do convento da Madre de Deus

É no antigo sitio de Xabregas, hoje incluído na area da cidade de Lisboa, que se ergue o celebre convento da Madre de Deus, fundado nos principios do seculo XVI por D. Leonor, rainha de Portugal, mulher de D. João II.

Neste edificio, onde estão estabelecidos o Asilo D. Maria Pia e a Escola Industrial Affonso Domingues, encontram-se reunidos notaveis trabalhos de arte antiga e moderna, alguns verdadeiras preciosidades, o que tudo torna muito interessante ou uma visita de simples curioso ou o estudo mais profundo dos criticos eruditos e dos admiradores das bellas artes. Todos tem all que apreciar, e que louvar a constituição daquella especie de museu.

A nossa gravura reproduz o interior da igreja moderna do convento, cuja decoração é obra do seculo XVIII, restaurada e completada ha poucos annos, na idéa de ser franqueada aos fleis logo que nella se restabelecesse o culto divino. É toda a igreja recamada de boa talha dourada, de magnifico efeito, com muitas telas, algumas de bastante valor, taes como a da *Coroação da Virgem*, attribuida a André Gonçalves, e as duas que estão collocadas junto do altar-mór, cujo autor não foi ainda identificado.

A architectura do templo é classica. Na capella-mór, o cruzeiro é formado por pilastras or-

nadas de talha, assim como as quatro arqui-voltas, sendo tudo coroado por uma cupola, ou lanternim, de construção moderna.

O altar-mór é de marmore, ficando na sua retaguarda o retabulo e camarim, bem como o sacrario, tudo de boa talha dourada. Aos lados do altar-mór ha dois quadros antigos. Por cima das portas das sacristias ha outros dois quadros restaurados, emoldurados em talha dourada. No arco do cruzeiro, que é todo revestido de formosa talha, assente sobre cantaria, ha ainda mais dois quadros de madeira.

No altar-mór, do lado do Evangelho, fica a tribuna real, tambem de magnifica talha dourada e ornada de duas telas. Em frente da tribuna, e sobre uma janella, vê-se um grande quadro allusivo á vida de S. Francisco de Assis. Como se sabe, o convento da Madre de Deus era de religiosas franciscanas da primeira regra de Santa Clara.

No corpo da igreja, cujas paredes são todas revestidas de quadros de azulejo com 3,55 de altura, erguem-se dois altares tambem de talha dourada, sendo no do lado do Evangelho que primitivamente esteve collocada a imagem de Santa Aua, cujas reliquias vieram de Colonia para este convento no seculo XVI.

Nas portas do armario sobre o bello arcaz da sacristia estão pintados dois quadros de escola estrangeira, preciosissimos, representando a vida das reliquias. Acham-se reproduzidos em azulejo por Pereira Junior nos dois quadros collocados nos nembos do arco cruzeiro para o corpo da igreja.

Os dois altares, que tem diversas imagens, ficam pela parte de dentro da formosissima teia, formada por balaustres salomonicos, uns de ebano, outros de finissimo mosaico. Esta obra de arte constitue uma joia artistica pouco vulgar e de muitissimo valor.

Sobre o envasamento das paredes destacam-se quinze quadros metidos em molduras de talha excellente, cujos assuntos, com excepção de dois, são alusivos á vida de S. Francisco de Assis. Por cima do entablamento ha treze quadros, dos quaes seis são de grandes dimensões e alludem, com excepção de um, á vida de Santa Clara. Por cima do arco cruzeiro e ocupando a parede toda, ha uma grande tela representando a *Coroação da Virgem* perante a côrte celeste, tela que está emoldurada em bellissima talha dourada, com figuras de anjos.

O tecto é em fórma de abobada de volta perfeita e formado por vinte caixotões, dentro dos quaes existem, devidamente emolduradas, outras tantas telas alusivas á vida de Nossa Senhora. Ainda por cima do entablamento, e pela parte inferior da luneta, ha dois quadros metidos na decoração, que orna a parede, os quaes alludem á morte de Santa Clara.

Do lado da Epistola fica o pulpito, obra grandiosa e na qual se evidencia o espirito verdadeiramente artistico da época em que foi construido. A base, ou misula, sobre que assenta, é toda de talha dourada, do mais caprichoso desenho e de deslumbrante efeito. O varandim é de madeira, igualmente dourada e toda rendilhada, de um gosto delicadissimo e de difficil execução. As costas do pulpito são tambem de finissima talha de rico desenho.

No envasamento das paredes, que é de azulejo, distinguem-se quatro quadros, tres ao lado do Evangelho e um ao lado da Epistola. Este representa um S. Jeronymo e aquelles uma alameda, o perdão do bispo, e uns viandantes transportando aves e diferentes objetos.

Defronte da porta da igreja, porta construida já depois do terremoto, existia um altar que foi apeado ha annos.

O guarda-vento é de bom desenho e em harmonia com o esplendor da igreja. Tem duas faces, sendo a do lado de dentro de espinheiro e pau santo, e a do lado de fóra igual á parte principal. A grade de ferro e os pilares da escada são obra recente, mas de bom efeito.

Esta linda igreja, posto que não seja das maiores, é, conforme fica descrita, muito rica em obra de talha dourada, que se presume ser trabalho de um esculptor de nome Braz Mascarenhas. As reparações que se efetuaram após o terremoto de 1755 não foram conscienciosas, não se tendo atendido á feição primitiva do edificio. A porta principal e as janellas, feitas de novo, perderam na reedificação as galas do estylo gotico. As obras feitas ha annos, dirigidas por Liberato Telles, que as descreveu em um opusculo de que nos socorremos, operaram uma restauração esmagada, sendo hoje deslumbrante o aspecto do edificio ao culto.

Os temporaes e inundações em Portugal

Por nosso mal o anno de 1909, que tão tristes recordações deixava ao nosso país, não se despediu sem mais agravar essas recordações, desencadeando nos ultimos dias de dezembro uma terrível tempestade que se desenvolveu por toda a costa norte da Europa e que veio produzir seus mais horrorosos efeitos em parte da Espanha e Portugal, com cheias do Tejo e seus afluentes que inundaram as povoações ribeirinhas especialmente do Ribatejo, e maiores estragos produziram ainda no Douro e Trás-os-Montes reduzindo á miseria muitas povoações, concentrando sua maior acção destruidora no rio Douro.

Junto á cidade do Porto e Miragaia, a cheia tomou proporções de que não ha memoria, chegando a agua do rio a transbordar e invadir as ruas da cidade baixa, entrando pelas casas em mais de tres metros de altura e a levar deante da sua impetuosa corrente tudo que encontrava, corrente da velocidade de nove milhas á hora que arrastou todas as embarcações grandes e pequenas, fundeadas no porto, para fóra da barra a despedaçarem-se nos rochedos.

Um horror de devastação em que aos enormes prejuizos materiaes se juntaram a perda de algumas vidas.

Havia trinta e tres annos que Portugal soffera uma calamidade assim, em 1876, e ainda hoje se conserva memoria dessa desgraça, de vez em quando lembrada, quando succede algum temporal e é preciso socorrer as victimas recorrendo ao celebre Cofre dos Inundados, fundado naquelle anno pela rainha sr.^a D. Maria Pia, com os donativos que de toda a parte do país acudiram para aquelle fim.

Foi uma grande calamidade aquella, mas que se limitou mais ao sul e ás terras marginaes do Tejo. A de agora, porém, estendeu mais a sua acção destruidora como se vê.

Estes phenomenos meteorologicos dão-se normalmente em periodos de 32 a 33 annos, como o nosso colaborador da secção meteorologica demonstrou num artigo publicado em o numero 1095 desta revista, a pag. 115. O temporal agora succedido é, pois, uma consequencia daquella lei.

A ciencia auxilia quanto pôde estudando estes phenomenos e estabelecendo as leis por que se regem. Está da parte dos que governam e administram os povos providenciar quanto possivel para que estas calamidades sejam atenuadas nos seus efeitos.

Para isto só ha um meio ao alcance dos homens: é fazer obras hydraulicas nos rios que lhe facilitem as correntes, docas e abrigos para as embarcações, não permitir a construção de casas proximas ás margens de rios nos logares mais ameaçados pela invasão das aguas, em fim tudo que previna e defenda contra estas calamidades

plenas leis que prohibam as construções a que se referem, pois ha muita terra para edificar sem ser á beira de rios; a outra parte de obras a fazer só depende de dinheiro que se vá despendendo com o tempo, pois a final é com dinheiro que se acode a estes desastres, com a differença que pouco ou nada remedeia, emquanto que despendendo o nas referidas obras utilisaria de modo mais eficaz.

Não está porém na indole da nossa gente o espirito preventivo, e esse é o peor mal, pois é, infelizmente, bem certo que só lembra St.^a Barbara quando fazem trovões.

Onde primeiro se sentiram os efeitos do temporal foi em Lisboa, e não tardou que esses efeitos se estendessem pelos arrabaldes e Tejo acima até Santarem, seguindo-se depois o Douro e Trás-os-Montes, com as grandes cheias que vinham da visinha Espanha.

Em Lisboa soffreu o sitio de Alcantara com as aguas do rio deste nome que não tinham vasante no Tejo, porque a maré enchia ao mesmo tempo. A cheia invadiu casas e arrastou quanto encontrou no caminho, chegando muitas pessoas a estarem em perigo de morrer afogadas. O mesmo aconteceu em Loures, Póvoa de Santo Adrião, Abelheira e mais povoações visinhas, estendendo-se até Braço de Prata, Cabo Ruivo, Sacavem e pelo Tejo acima em todas as terras ribeirinhas, Alemquer, Ribeira de Santarem, Vila Franca de Xira, Valada e todas as povoações marginaes do Tejo foram invadidas pelas aguas dos rios afluentes e pelas da chuva torrencial que cahiu.

Apenas aqui registamos os pontos principaes onde o temporal produziu seus maiores efeitos, de resto todos os jornaes tem trazido dia a dia noticias miauciosas, de que o leitor já terá conhecimento.

O descarrilamento do comboio *Sud-express*, que seguia para o Porto e Paris, na Póvoa, deu o primeiro alarme de impedimento das vias ferreas. Felizmente neste descarrilamento não houve victimas a lamentar. Em Setúbal, outro comboio ficou enterrado no meio da grande cheia obstruindo a linha, de modo que os serviços de comboios transtornaram-se completamente interceptando as communicações do sul para o norte do país.



S. M. EL-REI D. MANUEL, EM ALMEIRIM

danzas, Novo Marquês, S. Julião, Viajante, Diligente, Mendonça 2.^a, D. Maria, Atlantica, Marques, na maioria portuguezes; além dos rebocadores Mars, Lusitania, Veloz, Leão, Ligeiro, Lynce, Vitoria, Aguiã, Liberal, Leça, Livio e Flavio. Esta succinta enumeração dá a medida dos enormes desastres e prejuizos causados, mas ha ainda a acrescentar os barcos do rio e barcassas, a maior parte perdidos tambem.

As aguas do Douro subiram 10 metros acima do nivel normal, chegando quasi ao taboleiro inferior da ponte D. Luis que esteve prestes a ser arrebatada pela corrente que atingiu a velocidade de mais de 20 milhas á hora.

O numero total de embarcações perdidas sobe a trescentos e cincoenta, assim como grande quantidade de habitações de ligeira construção ou já arruinadas fóram na corrente, levando as pobres mobílias de seus moradores que ficaram reduzidos á maior miseria.

De estabelecimentos de comercio e armazens de retem onde a agua entrou poz tudo a nado, e levadas pela corrente viam se pipas, caixas, fardos e outros volumes.

Para cumulo de horror, a cidade ficou ás escuras durante algumas noites, porque a agua entrou na fabrica do gaz e inutilizou as fornalhas e retortas. O mesmo aconteceu na fabrica de electricidade, o que fez parar o movimento dos carros eléctricos.

Ainda se tentou iluminar as ruas com candelieiros a petroleo, mas a violencia do vento e da chuva apagou a maior parte.

A impressão que a noticia desta enorme catastrophe produziu em Lisboa, foi dolorosissima, e o Chefe do Estado partiu para o Porto no domingo, 26, acompanhado pelo sr. presidente do conselho, a visitar aquella cidade e ver com seus proprios olhos toda a ruina produzida, tratando logo o governo de providenciar com socorros tanta desgraça.

El-Rei percorreu todos os pontos mais devastados pela cheia, e animou com a sua presença os filhos da laboriosa capital do norte digna de melhor fortuna, prometendo que o governo empregará todos os meios para remediar quanto possivel a situação em que ficou a cidade, e estudar as obras mais indispensaveis a fazer no rio para evitar futuros desastres como este.

No mesmo dia em que El-Rei seguiu para o norte, partiu para o Ribatejo Sua Alteza o sr. Infante D. Alfonso acompanhado pelo sr. ministro das obras publicas: Sua Alteza visitou Vila Franca de Xira e, seguiu depois Tejo acima até o Malagueiro e Valada, vendo os estragos que a cheia tinha feito, encontrando-se os campos alagados e as sementeiras perdidas. Os lavradores pediram o auxilio do governo afim de poderem fazer novas sementeiras, pedido que o sr. ministro das obras publicas declarou que seria atendido como é de justiça.

Quando El-Rei regressou do norte, tambem fez visitar as povoações do Ribatejo, chegando a



S. M. EL-REI D. MANUEL DESCENDO AO CAES DA RIBEIRA, NO PORTO

que mais ou menos se repetem em determinados periodos.

Isto que á primeira vista poderá parecer simples e teórico, será pratico com o tempo, desde que estas calamidades não esqueçam e haja a possibilidade de prevenir suas consequencias.

Parte destas medidas preventivas são de sim-

A força da corrente fez garrar todas as embarcações do rio, havendo mortes, principalmente no vapor *Cintra*. A corveta *Estefania*, escola de alumnos marinheiros, perdeu-se levada pela corrente, salvando-se felizmente toda a guarnição, etc. O mesmo aconteceu aos vapores alemães e ingleses *Nestor, Gascon, Douro, Elida,*

Os temporaes e inundações em Portugal



NO PORTO, A INUNDAÇÃO NO MURO BACALHOEIRO

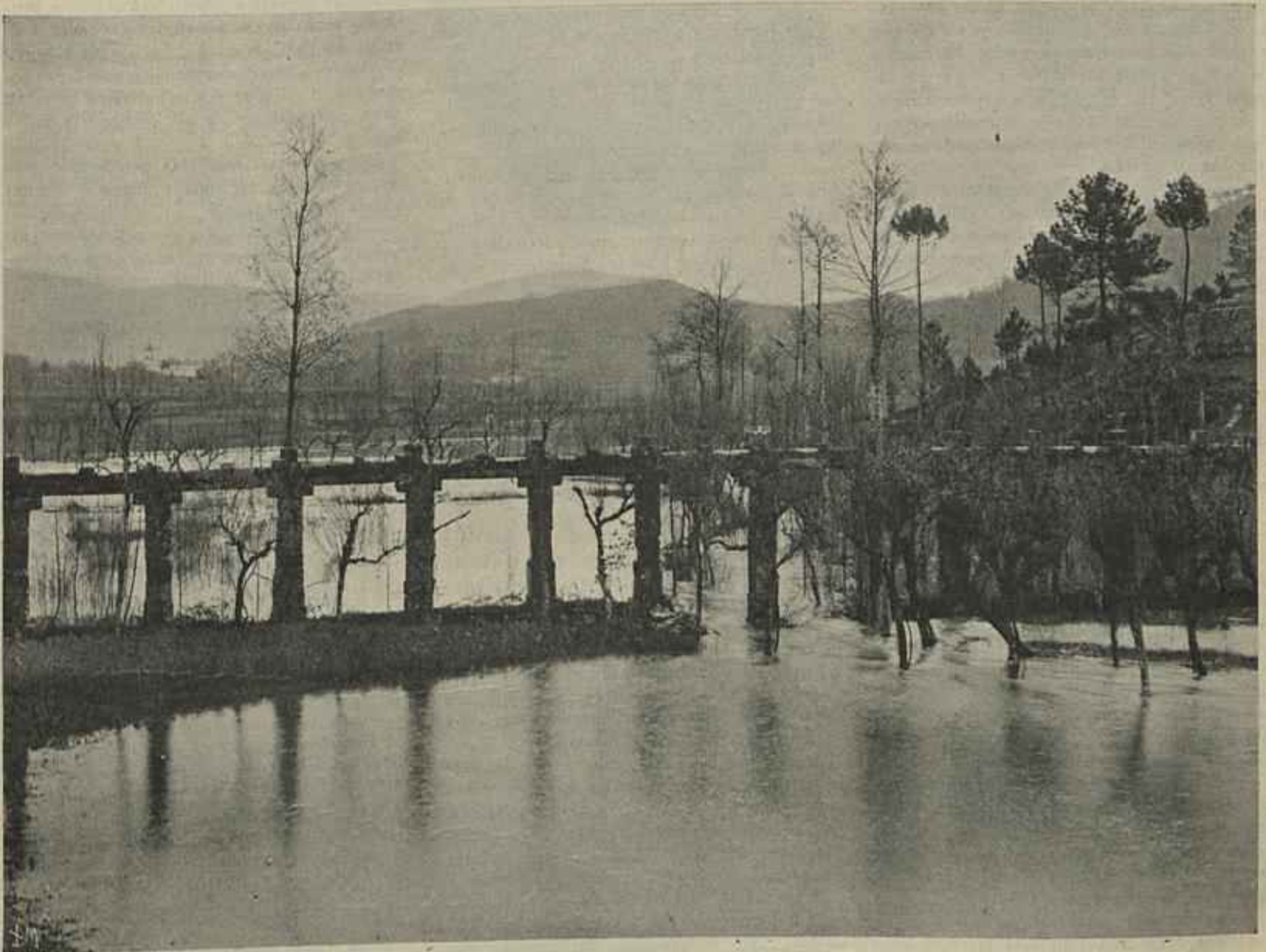
NO PORTO, A INUNDAÇÃO NO SITIO DA ANTIGA PONTE PENSH.
(De fotografias)



Os temporaes e inundações em Portugal



A INUNDAÇÃO NA RUA DE S. JOÃO DA RIBEIRA, NO PORTO



EM LOUSADA, O RIO MÉSIO NA PONTE DE LAGOAS
(Cliché Alfredo de Freitas)

Santarem e a Almeirim, tomando conhecimento dos grandes estragos feitos e prometendo providencias do governo, que não se fizeram esperar, pois este mandou logo para as povoações devastadas e famintas, pão e outros viveres.

O conselho de Estado reuniu sob a presidencia de El Rei, para autorisar um credito de quinhentos contos afim de acudir ás necessidades mais urgentes.

Ha muito a que acudir, pois além do que já ficou mencionado, é certo que os efeitos do grande temporal estenderam a mais terras do norte, como Viana do Castelo, Povoia de Varzim, Ponte de Lima, Braga, Barcelos, Espinho, Ponte da Barca, Amarante, Regoa, Caminha, Famalicão, Espozende, Arcos de Val-de-Vez, Louzada, enfim, em todas as terras ribeirinhas e imediações onde as aguas dos rios ou as chuvas torrencias tudo alagaram e muito destruíram.

As gravuras que hoje publicamos são quadros tristes que mostram bem os efeitos produzidos pelo terrível temporal, que ficará memorado por muitos annos, porque muitos annos serão também precisos para recuperar todos os prejuizos que causou, além dos que nelle perderam a vida e serão lembrados com saudade pelos seus.



A casa submarina

POB

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1115)

O doutor riu-se d'esta graça de Peter e para o contentar atravessou o quarto, abriu um armario que estava perto da janella e tirando algum mantimento, disse:

— Nunca me lembro de comer quando trabalho nas minhas descobertas. É um mau costume. Vamos a vêr que força tem para dispôr a ceia. Ah! ha conservas e ovos. Na cosinha encontrará leite e carne fresca. Aqui tem alguma coisa que o ajudará a expelir a neve.

E collocou sobre a mesa um respirador que Peter adaptou á bôca, encaminhando-se depois para a cosinha.

Dava-lhe gosto ter de occupar-se em alguma coisa, e nós tratamos de o ajudar.

Antes de meia hora estavam todos assentados em volta da mesa, ceando como homens que tinham almoçado havia mais de um mez.

A manhã pouco cuidada dava a marinheiros. Pelo menos aquella noite não preocupou muito a Peter nem a Seth Barker.

Estranha ceia aquella que não era facil esquecer!

Pela minha parte, sempre direi, que durante as guardas que fiz a bordo, ou nos poucos momentos que os marinheiros tem para sonhar acordados, recordo-me perfeitamente d'aquelle quarto e d'aquelle quadro da minha vida.

As grandes peças de crystal e de cobre apparecem de novo ante mim como n'essa noite sinistra. Vejo a casa do doutor americano, de feições inergicas, ainda que juvenis, e o cabello negro que lhe caia sobre a fronte.

Vejo também Peter Bligh inclinado sobre a mesa, e Dolly Venn olhando-me com estranha maneira como se quizesse persuadir-me que estava restabelecido. As mesmas sensações de duvida e incerteza me acommettem.

Como poderemos fugir da ilha? Quem nos ajudará n'estes apuros? Quem protegerá agora Ruth Bellenden? Voltará o barco? Andará sobre a agua ou estará sepultado no fundo do mar? Durará muito a época do somno e lograremos sobreviver-lhe?

Todas estas perguntas fazia a mim proprio, e na realidade a quem devia fazel-as, era aquelle homem que parecia de tanto talento e cujas experiencias indubitavelmente se en-

deressavam á solução de uma parte do problema.

— Muito obrigados lhe ficamos, doutor — disse eu — pois lhe devemos a vida. Pode ficar certo que nunca me esquecerei d'isso.

— Nunca mais me tornarei a sentar á meza, sem me lembrar o nome do doutor... doutor... agora me lembro que ainda não sei o seu nome — exclamou Peter Bligh.

O doutor sorriu-se.

— O doutor Duncan Gray, se tem muito empenho em saber. Perguntando pelo doutor Gray, de Chicago, de cada mil pessoas, haverá uma que lhes diga que elle se tem dedicado a escrever sobre venenos. Precisamente um veneno foi que me trouxe aqui, e um veneno me abrigou a alterar o rumo que levava em meu caminho; pelo menos julgo que assim será. Venenos são triumphos neste momento.

— Mau logar é este — disse eu — e parece mentira que na Europa se saiba tão pouco a seu respeito. Tenho visto bastantes vezes, nos mappas, a ilha de Ken, principalmente nos ultimos quinze annos, mas nunca ouvi falar na sua época de somno e de sol, e das mortes de que me tem falado ha poucos dias. Naturalmente o senhor está aqui para estudar esse assumpto e compenetrar-se da verdade, não? Basta vêr todos estes aparelhos que aqui estão, para saber que me não engano. É uma grande coisa a sciencie e bastante pena tenho de que a minha educação seja tão rudimentar. Muito, muito daria esta noite para saber tanto como o senhor.

O doutor sorriu um pouco cheio de orgulho, e respondeu:

— Começo agora a comprehender quão pouco sei, e não é mau ponto de partida esse. É possivel que na ilha de Ken aprenda alguma coisa mais. O dono d'esta ilha trouxe-me generosamente a estudar na propria universidade da natureza. Creio que comprehendendo já o motivo porque me permittiu que aqui viesse. Andou depressa, pois conseguiu que o homem que primeiro chamou a attenção da gente de Chicago sobre o principe Czerny, este já em sitio seguro, onde não poderá fazer mal ao senhor Czerny. Assim creio, capitão... capitão...

— Jasper Begg — completei, — Em outro tempo capitão do *Manhattan*, o yatch de Ruth Bellenden.

— E Peter Brigh, seu contramestre.

Seth Barker não disse nada, mas eu apresentei-o ao doutor bem como Dolly Venn.

Principiavamos, os cinco, a conhecermo-nos e a sympathisarmos uns com os outros, como succede geralmente entre companheiros de infortunio.

Apezar da situação grave em que nos encontravamos, tinhamos de comer, beber e tabaco para o cachimbo. Um marinheiro pouco mais precisa para se considerar feliz.

A verdade é que tinhamos passado uma vida deliciosa, esquecendo-nos o que nos havia succedido durante os ultimos dias.

A' meia noite, porém, uns gritos que nos chamaram a attenção, obrigou-nos a recordar o sitio em que nos encontravamos.

Devo dizer que estavam commodamente installados, porque o doutor Gray encontrára camas para todos: Dolly, no sophá; eu n'uma poltrona; Peter e Seth Barker, n'uma almofada junto da janella, e o doutor sobre uma maca improvisada com a porta da cosinha.

Tinhamos dado as boas noites uns aos outros e dispunhamo-nos a dormir, quando dos jardins, junto ao bungalow, partiram os gritos extranhos de que falei, gritos tão pouco humanos, que mais pareciam lamentos de seres

agonisantes, e que nos fez pôr de pé n'um instante, a escutar attentamente aquelles sons aterradores.

Nos primeiros momentos nenhum de nós se moveu, tão comovidos estavamos; mas o doutor, recobrando primeiro do que nós o sangue frio, foi direito á janella e descerrou um pouco as cortinas que a cobriam.

Então, á luz deslumbrante, á luz encantadora e maravilhosa entre dourada e azul que se coava por entre os vapores que chegavam até aos jardins do bungalow, vi um espectáculo que me gelou o sangue.

Vinte homens e mulheres, alguns d'elles europeus e outros indigenas, vestidos uns como marinheiros, outros com farrapos, estavam dançando uma dança frenetica, louca, tal como jamais a sonharam os derviches mais phantasticos, nem como a imitariam os possuidos do maior delirio.

Era uma dança macabra!

Volteando com a velocidade de um pião, estendendo os braços ou levantando-os ao céu, atirando-se de cabeça para o meio do chão com gestos selvagens, lacerando e ferindo a carne, as mulheres, um ou dois caíndo repentinamente mortos ante os nossos olhos, aquelles infelizes gritavam como doidos animaes e enchiam os bosques com seus melancolicos gemidos.

Pouco mais de dez minutos durou aquelle horripilante espectáculo! Depois, um a um, homens e mulheres foram caíndo no chão, no meio das mais horriveis contorsões, sobrevindo em seguida um enorme silencio. Das janellas a que estavam encostados, contemplavamos cheios de espanto a noite clara e fria, e pensámos então serem aquellas as avançadas da morte que haviam chegado á ilha de Ken.

Viamos, e não comprehendiamos a espantosa verdade, e assim se passaram muitos minutos, antes que qualquer de nós descerrasse os labios.

Estavamos estarecidos, petrificados pelo terror, tamanho, tamanho... como o não desejariamos a ninguem!

— E' a febre do riso — exclamou por fim o doutor, deixando cair a cortina que conservava levantada. — Já tinha ouvido falar d'ella antes de a vêr agora.

E apontando com o dedo a lampada que ardia sobre a meza:

— Três dias, meus amigos, três dias medeiain ainda entre nós e isso.

Quando dizia isso, referia-se á febre do riso, ao que nos esperava dentro de três dias, quando se acabasse o ar respiravel n'aquella casa e tivéssemos de sair para o exterior.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



O Tropheu de Xadrez Luzo-Britannico

I

(Discurso do General Caldeira, presidente da Direcção do Gremio Litterario)

Meus Senhores:

Exprimindo o sentir sincero da Direcção e de todos os nossos consocios, regosiosamente cumprimento V. Ex.^{as} e faço votos para que, de futuro, estas pequenas reuniões se repitam amiudadas vezes, com o fim de mais estreitarmos as boas relações de amizade e sympathia, existentes entre os Ex.^{as} socios do Club Inglez e os do Gremio Litterario a cujo numero me honro de pertencer.

Dou a palavra ao sr. dr. Ansúr,

N. B. — O sr. Rawes agradeceu, em breves palavras, esta saudação, depois do que o dr. Ansúr pronunciou o discurso que publicámos no numero anterior.

II

(Discurso lido pelo sr. James Rawes em resposta ao «Speech do sr. Alfredo Ansúr, proferido nas salas do Gremio Litterario na noite de 30 de dezembro de 1909.)

Meus Senhores:

Na minha dupla qualidade de decano dos socios do *Royal British Club* actualmente presentes, e de *Leader do team* que vem hoje disputar com V. Ex.^{as} a posse d'esse lindo *Tropheu de Xadrez*, cumpre-me, em primeiro logar e em nome do *Royal*, saudar a V. Ex.^{as}, e, em seguida, pedir a venia de me ser permitido manifestar o protesto do nosso mais profundo reconhecimento e gratidão pela honrosissima recepção que V. Ex.^{as} se dignaram dispensar-nos n'estas suas salas.

Cumpr-me, tambem, responder ao magnifico *Speech* do meu amigo sr. dr. Alfredo Ansúr — oração eloquente e cheia de referencias amáveis e de elogios (ainda que immedecidos), para com os socios do *Royal*.

Lamento que me faltem os recursos necessarios para responder cabalmente áquella linda oração.

Em resposta não posso fazer mais do que proferir duas singelas mas sentidas palavras, as quaes são, *muitissimo obrigado*.

Meus senhores: Temos perante nós aquelle *Tropheu de Xadrez*, aquelle lindo objecto d'arte, para a posse do qual vamos, em poucos instantes, emprehender uma renhida lucta. O *Tropheu* acha se, actualmente, na posse do Gremio e aqui permanecerá, pois que não temos, no seio do *Royal*, socio algum que possa luctar com vantagem contra os exímios jogadores de xadrez que o Gremio possui.

Mas, meus senhores, ainda que convicto que sempre sahiremos d'estas batalhas vencidos, eu nutro a esperanza de que no futuro, como hoje, não faltarão socios do *Royal* promptos a cruzar armas com V. Ex.^{as}, e digo que nutro essa esperanza, porque creio que estes encontros, estas luctas amigaveis, serão um meio efficaz para promover e consolidar aquelles sentimentos de verdadeira amizade, respeito e consideração que nós, socios do *Royal*, professamos com os socios do Gremio, sentimentos estes que bem sabemos são correspondidos e retribuidos pelos nossos *confrères* do Gremio.

Meus senhores, seja-me permitido que eu aqui retribuia as palavras elevadas, ainda agora proferidas pelo sr. dr. Ansúr na sua eloquentissima oração, aonde elle disse que esperava:

«Que o xadrez seja, por tempos infinitos, um hyphen luminoso, que prenda Lisboa a Londres, e o Tejo ao Tamisa — approximando, mais e mais, as duas nações aliadas, e seja qual fór o resultado das luctas, pela posse do bronze artistico, estas luctas tornem ainda mais solidos e apertados os antigos vinculos de respeito e cordeal sympathia que a nós todos nos prendem.»

Meus senhores: Sinto-me um tanto fatigado, e vou terminar. Não desejo abusar mais da paciencia de V. Ex.^{as}, tanto mais que o nosso Regulamento prescreve que ninguem deve fallar por mais do que 5 minutos, e eu desejo aproveitar o pouco tempo que me resta para, mais uma vez, saudar a V. Ex.^{as}, manifestando, ao mesmo tempo, o nosso reconhecimento e gratidão pelo honroso acolhimento que V. Ex.^{as} acabam de nos dispensar.

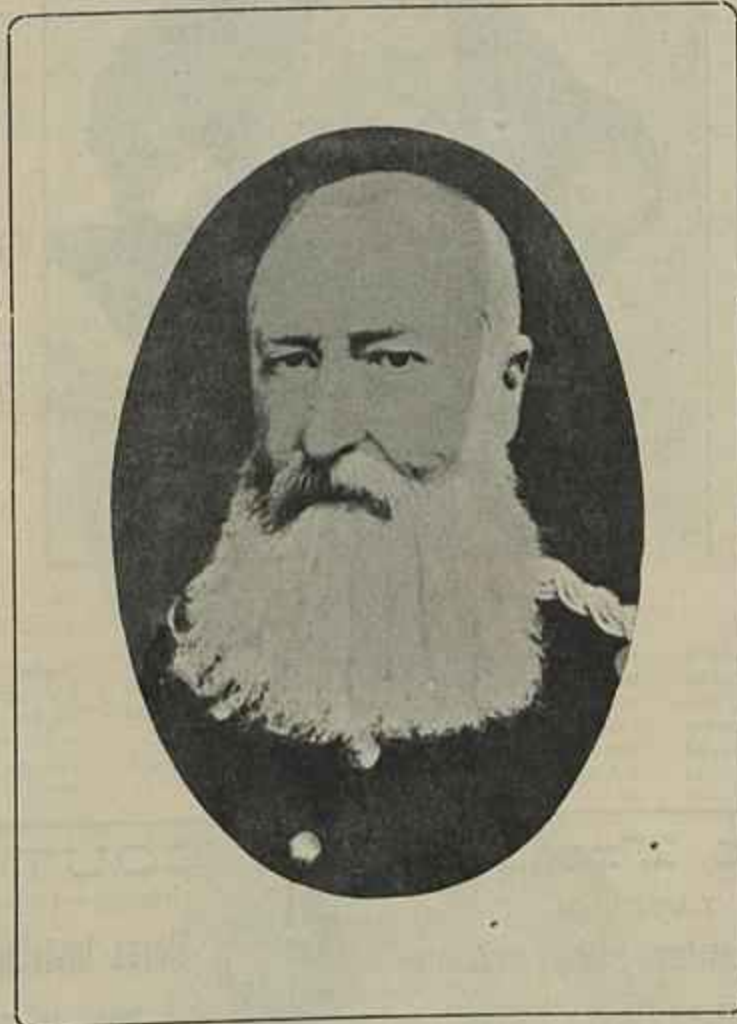
Vou pois terminar. Antes, porém, de eu retomar a minha cadeira, seja-me licito levantar um brinde, brinde que estou certissimo será recebido com enthusiasmo por todos os cavalheiros presentes — sejam elles socios do Gremio, ou do *Royal British Club*. O brinde que desejo levantar é «Prosperidade ao Gremio».

Meus senhores: Brindo á prosperidade do Gremio Litterario Portuguez!
Hip! Hip! Hurra!

N. B — Depois d'esta resposta formaram-se logo sete mezas, jogando o sr. Rawes com o sr. Pereira Machado Senior; o sr. Silley com o sr. Julio Baptista; o sr. Stanley Rawes com o sr. dr. Fragoso Tavares; o sr. Riedman com o sr. Ramel; o sr. Marsden com o sr. dr. João Maria da Costa; o sr. Mitchell com o sr. Avila da Graça; o sr. Frazer com o sr. Veiga.

O Gremio ganhou seis partidas, empatando o sr. Silley com o sr. Baptista. Ficou, por isso, o *Tropheu* na posse do Gremio.

Depois do triplo brinde, cujo texto publicámos



S. M. LEOPOLDO II, DA BELGICA

no numero anterior e foi correspondido com grande enthusiasmo e animação, separaram se os adversarios cerca da uma hora da manhã. O serviço foi profuso e a sala Luiz XV esteve sempre apinhada de espectadores.

NECROLOGIA

Rei Leopoldo II

A morte do rei da Belgica Leopoldo II, foi um dos acontecimentos de certa importancia na politica mundial com que fechou o anno de 1909.

Soberano de um estado pequeno em territorio e população, soube alargar seus dominios sem guerras que fizessem pagar caro o seu engrandecimento.

E' que o rei Leopoldo II foi muito mais um homem de negocios do que um generalissimo com seu exercicio aguerrido. Entretanto, isso não impediu que em 1870 a Belgica mantivesse perfeita neutralidade, entalada entre a França e a Alemanha que se batiam na celebre guerra franco-prussiana. Essa neutralidade, mau grado do chanceler de ferro, não a manteve por simples palavras, mas com um exercito armado e pronto a fazel-a respeitar.

O falecido rei da Belgica, filho de Leopoldo I e neto materno de Luiz Filipe de França, subiu ao trono por morte de seu pae, em 1865, pelo que era, depois do imperador Francisco Jose, d'Austria, o soberano mais antigo da Europa.

Foi um rei liberal que conseguiu fazer-se amar do seu povo, e trabalhou por engrandecer o seu país, sem descurar os seus negocios proprios de financeiro de primeira ordem.

A criação do Estado Livre do Congo foi para o rei Leopoldo uma operação financeira feliz.

Em 1876, na Conferencia Geografica Internacional de Bruxellas, o rei Leopoldo propoz uma viagem de exploração á Africa Central, a qual se realisou e teve depois o resultado na conferencia de Berlim, que lhe reconheceu a constituição do Estado Independente do Congo.

Os capitães que o rei Leopoldo empregou na exploração do seu novo Estado, tiveram larga compensação para o seu bolso, desde que o governo da Belgica propoz e as camaras aprovaram a definitiva anexação daquelle Estado, recebendo o rei Leopoldo pela cedencia dos seus direitos alguns milhões de francos.

A Belgica alargou deste modo seus dominios, que o rei Leopoldo lhe preparou, valendo-se da sua influencia de soberano na conferencia de Berlim, mas por fim a nação pagou esses dominios, bem se podendo dizer que o rei Leopoldo fez um bom negocio.

E os negocios fêram sua maior preocupação, já nos jogos de bolsa, já com as minas de ouro do Transvaal, tendo empregado grandes somas na exploração das minas de Johannesburg. Esta especulação, porém, não lhe sahiu favoravel, porque o governo do Transvaal resolveu lançar grandes impostos sobre as empresas estrangeiras que exploravam aquellas minas, e o rei Leopoldo vendo depreciados os lucros que esperava, apressou se em vender a parte que tinha, no que perdeu consideravelmente.

Não obstante este desfalque, a fortuna de Leopoldo II era das maiores de soberanos da Europa. Ultimamente organisou uma empresa, *Companhia predial, industrial e commercial para conservação e embelezamento das Cidades*, entrando com a sua parte, constituída de todos os seus predios de Bruxellas e de fóra, e mais o produto da venda da sua galeria de Arte, o que tudo fórna importante capital.

Quer-se attribuir esta ultima especulação do soberano financeiro, ao desejo que elle tinha de simplificar os processos judiciaes de inventarios, etc., que se seguiriam á sua morte. Entretanto, tambem se afirma que o fim daquelle operação,

era o dispôr mais livremente de seus bens em prejuizo de sua filha a princesa Estefania, com quem se pozera de mal desde que ella contraíu segundo matrimonio com o conde de Louvay, contra a vontade paterna, por não ser o noivo de estirpe real.

O escandalo deste casamento foi bem falado em tempos, assim como o do rei Leopoldo não permittir que a princesa Estefania deposesse um beijo na frente de sua mãe quando esta morreu.

Leopoldo II nunca perdoou a sua filha a desobediencia á vontade paterna, intransigente nos seus direitos de pae e ainda mais nos preconceitos da estirpe.

Comtudo, Leopoldo II foi considerado no seu país um rei democrata, e como tal estimadissimo do povo, com o qual convivia, sobretudo com artistas e industriaes, que para elle as artes e as industriaes tambem lhe mereceram seus particulares cuidados, conseguindo que o seu país se engrandecesse pelo trabalho, que é hoje a vida e riqueza das nacionalidades.

O rei Leopoldo contava 74 annos de idade, nascera em 1835. Sofria ha já algum tempo de doença intestinal, que ultimamente se agravára, vindo a falecer no dia 17 de dezembro, depois de uma operação que por algumas horas dera esperanças de triunfar do mal.

A morte do rei Leopoldo II determina a subida de seu sobrinho o principe Alberto, ao trono da Belgica, de que nos occuparemos em um dos proximos numeros desta revista.

